

Tempo de ser ainda mais unebiano

Inaldo da Paixão Santos Araújo

Mestre em Contabilidade. Conselheiro do Tribunal de Contas do Estado da Bahia, professor, escritor.

Inaldo_paixao@hotmail.com

Bom dia! Eu, inicialmente, gostaria de cumprimentar as autoridades na pessoa da nossa magnífica reitora, Adriana Marmori, e na pessoa do proponente desta sessão grandiosa, o nosso deputado Rômulo Almeida, ou melhor, Robinson Almeida. É emoção, é a emoção! Sei que ele ficou feliz com a troca, pois é sempre bom se lembrar do grande político, economista, escritor e professor baiano Rômulo Almeida. Mas também gostaria de cumprimentá-los na pessoa de um jovem talento chamado Eduardo Arruda e vou dizer o porquê.

Eduardo, eu já vim aqui neste púlpito várias vezes e não consigo chegar sem tremer, não consigo chegar sem me emocionar, não consigo chegar sem pensar no que dizer, e você aqui, com a sua naturalidade, com a sua “pesca tecnológica”, disse pouco e disse tudo, parabéns! Você não faz história, você aqui, nesta Casa, fez história. Parabéns (palmas).

E ao saudar os presentes, eu gostaria de enaltecer duas pessoas, para mim, muito importantes. Primeiro, deputado Robinson, meu diretor, o professor Flávio Dias dos Santos Correia. De pé, professor Flávio (palmas).

Vou dizer isso porque – e fiz questão de que ele ficasse de pé, pois sabia que ele seria aplaudido –, se há uma unanimidade na nossa Universidade do Estado da Bahia (Uneb), ela é o professor Flávio, o melhor professor do nosso DCH. Basta perguntar a qualquer aluno quem é o professor Flávio, que ele vai dizer que é essa simplicidade, essa inteligência, essa pessoa humana que ele é. Meu professor, obrigado por ser meu amigo.

E a outra saudação em especial é para a professora Lídia Boaventura. Por gentileza (palmas). E para quem não sabe, tudo começou com o sonhar de um Boaventura. Tudo teve início quando o professor Edivaldo Boaventura pensou em transformar, há 40 anos, a nossa Superintendência de Ensino Superior nessa casa que é a Uneb, que não é do estado, é do povo da Bahia.

Sou muito grato, Lídia, a tseu pai, não só por ele ter feito tudo que fez pela Bahia e pela nossa Universidade, já que juntou o Centro de Educação Técnica da Bahia (CETEBA), a Faculdade de Formação de Professores de Alagoinhas e Jacobina, minha querida deputada, prefeita, senadora Lídice da Mata, a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Caetitê e Juazeiro e a Escola de Agronomia do Médio São Francisco, escola a que eu vou retornar, em minha fala, para poder falar da Uneb.

Então, Lídia, ao homenageá-la, tenho certeza de que seu pai está aqui, presente e feliz.

A gente é o que é pelo que lemos e pelos conselhos que recebemos, querida reitora Adriana Marmori. O professor Edivaldo, quando eu escrevi alguns artigos no *A Tarde*, na antiga coluna “Sociedade e Bem-Estar”, certa feita, me disse assim: “Olha, você escreve bem, mas escreva menos.”.

Eu vou seguir o conselho do mestre (e da mestre de cerimônia) e vou tentar falar pouco nestes cinco minutos que aqui tenho.

Mas o que eu poderia dizer da Uneb, professora Adriana Marmori e professor José Bites de Carvalho, meus magníficos reitores? Dizer que essa universidade é capaz de tudo e algo mais. Aqui, deputado, o senhor citou o Ailton, jovem talento, de quem eu tive o prazer de ser professor, já que ele fez Contabilidade, e eu sou professor dessa escola há 26 anos. A Uneb produz, prepara, a cada dia, dezenas e dezenas de talentos.

Eu poderia falar como ex-aluno do então CETEBA (hoje Uneb), mas eu preciso e vou falar pela casa que aqui represento,. Eu estou aqui representando o nosso presidente, conselheiro Marcus Presidio, que foi servidor desta Casa, superintendente por vários e vários anos e, hoje, comanda o Tribunal de Contas do Estado da Bahia (TCE) com muita mestria e maestria. E vou falar da Uneb citando o Tribunal. Porque vejam, senhores, dos nossos sete diretores de auditoria, que é o cargo mais “top” do Tribunal, aquele cargo que comanda os processos auditoriais do Tribunal, dos sete, três são egressos da Universidade do Estado da Bahia e do nosso curso de Contabilidade: Dr. Israel Santos de Jesus, Dr. Marcos André Sampaio de Matos e Dr. Maurício Souza Ferreira.

Então vejam que quase 50% do corpo diretivo mais importante do TCE é egresso da nossa Uneb. Vários e vários outros estudantes, poderia citar até a Dr.^a Evelyn Alves de Figueredo, por exemplo, que está aqui, chefe do Cerimonial do Tribunal – Dr.^a Evelyn, por favor (palmas) – egressa da Universidade do Estado da Bahia, universidade que abarca tudo e a todos. Falar da Uneb é falar de seus alunos, razão de ser da nossa existência.

Eu queria, já caminhando para o final da minha fala, ao enaltecer esses alunos, ao engrandecer esses alunos, falar também de todos aqueles que contribuíram para que a universidade seja o que ela é: professores Edivaldo Boaventura; Antônio Fábio Dantas; José Edeluizo Soares; Joaquim de Almeida Mendes; Antônio Raimundo dos Anjos; Ivete Alves do Sacramento, mulher negra e primeira reitora da nossa universidade; Lourivaldo Valentim, que Deus o tenha em um bom lugar; meu querido amigo, José Bites, sei da sua luta, sei do sufoco que V. Ex.^a. passou, da paciência que teve para com este modesto professor, e das cobranças, e dos pedidos que fiz; e a nossa querida Adriana Marmori, que às vezes é chamada de “mármore”, como aqui o fez o deputado Robson Almeida, por ser como uma pedra

que atualmente segura, que sustenta essa universidade. Palmas para nossa reitora (palmas).

E agora, caminhando assim para o final mesmo, eu queria citar uma palavra que a maioria aqui, talvez, não vá associar ao meu pensamento: “bororó”. Alguém aqui sabe o que significa bororó? Vão pensar logo que é aquele cigarrinho e tal, mas não é cigarrinho. Lembra-se, professor Flávio, do bororó? Não, não é?

Pois bem, bororó é o Belo Antônio. Nos idos dos anos 1965, a comunidade se juntou e ofereceu à Escola de Agronomia – lá do Médio São Francisco, que depois, junto com as outras faculdades, formaram a Uneb – um ônibus, um Mercedes Benz 321, um dos mais modernos do país à época, o primeiro monobloco do país. Acontece que esse ônibus foi fazer uma viagem para o Rio de Janeiro e não conseguiu subir o Corcovado. Aí os alunos, minha querida professora Naira, minha vice-reitora Dayse Lago, o apelidaram de “Belo Antônio” (Bonito, mas impotente). Quanta injustiça. Risos. Retomando, o ônibus não conseguiu subir a ladeira e aí o apelidaram de “Belo Antônio”, porque era um belo, mas não servia muito. No entanto esse ônibus transportou alunos, nos idos dos anos 1960, até o Uruguai, levando os alunos da então Faculdade do São Francisco para conhecer o Brasil e serem conhecidos e reconhecidos.

Posteriormente, esse ônibus passou a ser apelidado pelos alunos, carinhosamente, de “Bororó”. Mas por que você está falando de bororó e do ônibus, Inaldo? Porque a gente precisa cuidar das coisas boas, do nosso patrimônio, da nossa história, das pessoas. A Bahia, Sr. Deputado Robinson, precisa cuidar da Uneb, a começar pelo Bororó.

E por que então, Inaldo, essa relação? Porque a palavra ônibus vem de *omnibus*, que, em latim, quer dizer “para todos”. Ao cuidar do Bororó, ao cuidar do nosso restaurante universitário, caro Eduardo, ao

cuidar da nossa universidade, nós estaremos cuidando dos nossos docentes, dos nossos servidores, dos nossos discentes da Bahia, porque a Universidade do Estado da Bahia, ela não é do estado da Bahia, ela é das Felipas, ela é das Quitérias ela é das Angélicas, ela é dos Lopes, ela é do povo da Bahia. A Uneb não é do estado, a Uneb é do povo da Bahia!

Parabéns, portanto, a nossa universidade, pelos seus 40 anos! Que venham mais 10, mais 50, mais 100! Porque nada perduraria por 4 décadas se não estivesse prestando serviços de qualidade. Professora Adriana Marmori, eu não a invejo porque eu sei que a sua responsabilidade é imensa ... Grande é a sua messe.

Parabéns eternamente à Uneb e ao nosso professor, Edivaldo Boaventura. Parabéns, Uneb! (palmas).
Ses. Esp. 29/6/2023